



**Com Justiça**

*e com afeto*

Crônicas

Artes & Textos  
1994



# 1. A GRANDE SURPRESA

*Chloris Casagrande Justen*

**Q**uando o ônibus parou em Virmond, um lugarejo pouco arrumado, com esparsas casas de madeira curtida, sem pintura, aquela mulher jovem e esperançosa ouviu o marido dizer: - Chegamos!

Moída de cansaço, após seis longas horas naquele ônibus velho, onde o cheiro de cigarro de palha se misturava ao odor das botas e dos farnéis, foi com alegria que ouviu a notícia da chegada.

O casal, e a filha de pouco mais de um ano, saíra da Capital três dias antes, quando às oito horas da manhã tomaram um ônibus para chegar em Ponta Grossa às doze, seguindo direto para o Hotel Shafranski, por ser o mais perto da rodoviária da então longínqua Princesa dos Campos. Acomodaram a menina que, mesmo com tudo planejado, estranhara e estava muito agitada. Banheirinha, fogareiro a álcool, panela, água mineral, leite em pó, farinha de arroz, dúzias de fraldas de algodão, roupa de cama, toalhas, foram saindo aos poucos, daquele enorme saco de viagem, facilitando o banho, a alimentação e o pouso adequados à criança.

Às sete da manhã do dia seguinte, após uma noite onde ninguém dormira, tomaram o ônibus para Guarapuava, e, por volta das dezoito, depois de sacolejarem por estradas de macadame e saibro, chegaram à Pérola do Oeste, para dormir no Hotel da Margarida, único estabelecimento do gênero na cidade.

Durante a viagem, a parafernália da troca de fraldas e da feitura das mamadeiras. Flambar, ferver, bater como garfo o leite em pó, enquanto a criança era embalada ou distraída para enganar a fome, já que a parada do ônibus não coincidia com a sua programação, era um teatro que se realizava dentro do boteco da estrada. "Leite viajado", nem pensar. Além do mais, Dr. Álvaro Pinto recomendara todos os cuidados e alertara para todos os perigos, exigindo cartas-relatórios da viagem e de tudo mais. Médico como ele não havia e era importante o cumprimento estrito de suas orientações.



Ao chegarem ao Hotel da Margarida, ex-caminhoneira da região, enfrentaram um curto-circuito e, à luz de uma única vela, repetiram a operação-limpeza, que só terminou quando a menina dormiu, exausta, sobre os lençóis engomados vindos de Curitiba.

A cada hóspede embotinado que chegava, todo o hotel acordava, ainda mais porque a alegria dos encontros invadia os quartos, cujas portas se abriam para o corredor estreito, que nem servia de divisa. A construção era de madeira, e apesar dos dois pavimentos, a cada festa, tudo tremia, a começar pela lâmpada que, trocado o fusível, ostentava uma luz avermelhada, de tão fraca.

Ao deixarem a "Pérola do Oeste", na terceira madrugada, seguiram às pressas, com o porteiro carregando as malas, já que o único táxi devia estar viajando. Finalmente, tomaram o ônibus para Laranjeiras do Sul.

Como era de se esperar, aquele ônibus era três vezes pior. O sistema pinga-pinga retardava a viagem, competindo com as dificuldades da estrada. O cansaço era visível, a troca de fraldas, as frutas rapadas, tudo era cada vez mais impertinente e desgastante.

Por tudo isso, a notícia da chegada caía como uma bênção.

No entanto, ao olhar a paisagem, aquela mãe nem sabia se queria descer. Foi então que ouviu o marido dizer:

- Não vamos descer. Laranjeiras é um pouco adiante. Disse que tínhamos chegado para que, ao chegar lá, você fique mais animada.

Um sorriso abafou o suspiro da desolação, enquanto ela olhava, sem ver, os ocupantes do ônibus retornando e trazendo consigo o cheiro dos pastéis gordurosos e da bebida, aliando-o aos que já impregnavam a sua roupa.

Aquele trajeto parecia a eternidade, com seu silêncio, com a tranquilidade do sono da criança nos braços da mãe e os olhos parados, vazios, daquele pai que já viajara todo o Estado, substituindo juizes, em mais de quinze comarcas, durante três anos, carregando a biblioteca na mala, e que, agora, após tantos percalços, ia assumir sua primeira comarca como Juiz Titular, depois de mais um concurso.

Impossível deixar de lembrar todos os perigos da viagem, a subida da Serra da Esperança; os pontilhões sem guarda; a balsa do Rio Jordão; a travessia pelos vaus, quando não havia pontes; os



enjões das viagens nas madrugadas; as derrapadas perigosas; as saudades, os medos, as rezas e as esperanças.

Por volta das três horas da tarde do terceiro dia de viagem, chegaram a Laranjeiras do Sul, ex-capital do extinto Território do Iguazu, descendo, com suas tralhas, em meio a uma estrada de terra vermelha e fofa, no limiar de uma rua de casas, a maioria sem pintura, com as mesmas madeiras velhas e encardidas.

Foi aí que começou a grande surpresa.

A Câmara Municipal de Laranjeiras do Sul decidira que o Juiz de Direito da comarca seria o ocupante e o depositário daquele palácio, que, na cidade, era conhecido como a casa do Governador e que estava desocupada desde que as autoridades federais tinham ido embora.

Foi assim que, no início do ano de 1947, após uma das piores viagens da sua carreira, o Juiz de Direito Marçal Justen e sua família passaram a morar na casa que, por certo, era, naqueles tempos, a mais rica, a mais requintada residência de Magistrado do Paraná.

## **2. O PALÁCIO DO GOVERNADOR**

O Juiz tinha colocado como condição básica para assumir a posse e o uso da casa que lhe tinha sido destinada, que fora do Governador do ex-Território do Iguazu, agora Município de Laranjeiras do Sul, parte integrante do Estado, a assinatura, por ambas as partes, Prefeito e Juiz de Direito, de documento comprobatório, detalhado, dos bens em uso e de suas reais condições de conservação, assim como de todo o patrimônio.

Como o Juiz assumira, desde logo, as suas funções, o grande volume de processos da comarca colocou-o na contingência de se "afundar", como sempre coube aos juízes, em uma montanha de autos, impedindo-o de tomar parte na operação-inventário determinada.

À vista disso, um funcionário da Prefeitura e a esposa do juiz, cada um com um bloco de papel na mão, subiram os dois lances da escadaria de lajotas vermelhas que precedia o patamar de entrada



do palácio, carregando a menina, feliz com as brincadeiras, a fim de cumprirem as ordens recebidas.

A construção, de madeira dupla, pela falta de material de alvenaria na região, era bem acabada e, pintada de verde-claro por fora, dava uma cor de progresso àquela rua, que era diferente das demais. Toda ela, do princípio ao fim, era caracterizada pela seqüência de casas, tipo chalé, também de madeira dupla, com varandas na frente, tendo entre elas e a rua, pequenos jardins. Tinham sido residências dos altos funcionários do Território e, no momento, eram ocupadas, igualmente, por categorizados funcionários estaduais e municipais, além do médico e de cartorários.

Após a escadaria que tomava toda a frente da casa e terminava no patamar, um jardim de inverno envidraçado separava dois mundos.

A casa era um palácio, um deslumbramento se levadas em conta as condições da maioria dos habitantes da região. É verdade que eles nem sabiam direito o que havia no palácio.

Todo o jardim de inverno, que devia ter uns oito metros de frente por três de largura, era envidraçado do chão ao teto, com esquadrias simulando portas, encortinadas com "brise-brise" de "voil" branco, impedindo a vista de fora para dentro.

Sobre o piso desse hall de entrada, que era revestido de lajotas bege trabalhadas, estava um conjunto de móveis de vime esmaltado, tipo "rattan", com o tampo das mesas em vidro jateado, formando dois ambientes, que a entrada da porta e o tapete rústico separavam.

Do lado direito, um jogo de três cadeiras-descanso e uma mesinha de apoio. À esquerda, uma mesa grande, redonda, em cujo tampo de vidro brilhavam, no fundo jateado, ramagens de flores, e, em volta dela, quatro cadeiras de braço. Um luxo, que tinha sido usado no Palácio do Catete e, portanto, "nada" custara aos cofres públicos. Ninguém falava no custo do transporte Rio-Laranjeiras...

Um degrau e a porta de correr de duas folhas, eram a entrada para a sala nobre, com assoalho de tábuas de imbuia, protegido por dois grandes tapetes persas. Falavam de uma linda cortina de veludo, forrada de seda, que já não mais existia, pois ali só estava o tapa-sol.

Na sala nobre, à direita, uma lareira de mármore embelezava a parede. Sobre ela, uma estátua de Ceres cuja altura era de mais